

*Ideias para a construção de uma ordem: o conceito de “cidade moderna” na Buenos Aires das primeiras décadas do século XX**

PEDRO DEMENECH

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo: Com o *status* de “metrópole moderna” nos anos iniciais do século XX, Buenos Aires havia sofrido diversas transformações que a colocaram no patamar de uma grande cidade. Os diversos problemas a serem sanados, desde o final do século XIX, levaram a administração pública portenha a procurar soluções a fim de reorganizar o espaço da urbe. A imigração, a formação de um campo cultural (onde se debatia o que era e para quem era a “cidade”) e a sistematização de um projeto urbano que contemplasse a cidade como um “todo” fizeram com que a população enfrentasse, além do remodelamento espacial, os vários fenômenos de uma “cidade moderna”. Dessa forma, os mapas e o *Proyecto orgánico* de 1925, ajudam a discutir as ideias que influenciaram e organizaram o crescimento urbano de Buenos Aires.

Palavras-chave: Buenos Aires; Modernização; Proyecto orgánico; Modernidade.

Abstract: With the status of a “modern metropolis” at the beginning of the 20th century, Buenos Aires was undergoing several transformations that eventually enhanced it to the level of big city. The many problems to be solved since the end of the 19th century in Buenos Aires made the city hall reorganize the urban space. The immigration, the formation of a cultural field (where it was discussed what was and for whom was the “city”), as well as the systemizing of an urban project comprehending the city as a “whole” made its population face, besides the spatial remodeling, the various phenomena of a “modern city”. That way, the maps, along with the *Proyecto orgánico* from 1925, help discussing the ideas that have influenced and organized Buenos Aires’ urban growth.

Keywords: Buenos Aires; Modernization; Proyecto orgánico; Modernity.

* Recebido em 10 de abril de 2015 e aprovado para publicação em 04 de maio de 2015.

Introdução

Em meados do século XIX, na Argentina recém-independente, o escritor assumia a função de criar uma unidade, num país onde a fragmentação era a imagem mais presente na sociedade. Como alegou Julio Ramos, “Escrever, nesse mundo, era dar forma ao sonho modernizador; era civilizar, ordenar o sem sentido da barbárie americana” (RAMOS 2008, p. 27). Nesse período, onde as bases de atuação dos letrados (intelectuais, escritores, poetas, etc.) são construídas, política e literatura caminham conjuntamente para formularem projeto racionalizador para uma sociedade que se modernizava. Esse ato representa, fundamentalmente, a necessidade de homogeneizar a sociedade mediante as dificuldades e obstáculos encontrados para se consolidar os projetos políticos. Portanto, as bases do campo de atuação do “escritor” argentino se constroem num cenário permeado pela conturbação e guerras internas.

Naquele momento, a imigração foi dos principais acontecimentos que influenciaria a realidade argentina. Fruto de projeto político executado pelo Estado no século XIX, para povoar as zonas desérticas e limpar a Argentina da “barbárie rural”; no início do século XX, esse empreendimento começou a preocupar os “velhos *criollos*”. Pois a presença dos imigrantes acirrou ainda mais uma imagem de fragmentação e diluição da sociedade, tornando-a heterogênea.

Ao contrário do que o Estado projetava, a massa de imigrantes que entrou na Argentina concentrou-se, principalmente, nas cidades e nas zonas litorâneas, relegando outras regiões, como a zona rural. As tabelas abaixo ilustram o crescimento populacional e urbano da Argentina, em finais do século XIX e início do XX.¹

¹ Esses dados foram retirados do livro *Buenos Aires: historia urbana del area metropolitana*. Essa obra é uma ótima ferramenta de pesquisa para a História de Buenos Aires e de seu crescimento urbano. Contém dados relevantes para produzir interpretações, ilustrar e complementar dados de outros autores. As respectivas tabelas se encontram na p. 271 e p. 265.

Tabela 1 - Argentina. População total, urbana e rural – 1869-1914. Valores absolutos e porcentagens

N.º		1869		1895		1914	
		%	N.º	%	N.º	%	
Argentina	Total	1.737.076	100	3.954.911	100	7.995.237	100
	Urbana	600.680	34,58	1.690.966	42,76	4.525.500	57,39
	Rural	1.136.396	65,42	2.263.945	57,24	3.339.737	42,61

Tabela 2 - Número total de imigrantes chegados à Argentina entre 1857 e 1887

Homens %	Mulheres %	Crianças %	Total %
561.577 (65,31)	186.737 (21,72)	111.605 (12,97)	859.919 (100)

Em 1887, a população de estrangeiros superava em números a população de argentinos. A imigração havia, de fato, dado os contornos importantes na configuração da sociedade argentina, principalmente na capital federal. Com a economia em crescimento, a Argentina inseria-se no mercado mundial. Concomitantemente aos investimentos que entravam (grande parte estrangeiros), o país desenvolveu sua infraestrutura e investiu em obras públicas. Assim, no período do Centenário da Revolução de Maio (1910), celebraram-se todos os triunfos que o país conquistara e, ao mesmo tempo, surgiam questões referentes às novas configurações sociais como, por exemplo, a abertura de espaços de participação política e cultural para os grupos que surgiam na população argentina (ALTAMIRANO e SARLO 1997, p. 166).

Nesse momento, a atividade dos letrados apresenta um foco pragmático: escrever (praticar as letras) é atividade “polidora” da sociedade, de tal modo que se pode regular e interferir na sociedade – a escrita assume conotação pública. Outro aspecto, a respeito dessa condição do intelectual

desse período, é seu envolvimento com as ideias sobre cientificismo, argumentou Oscar Terán: na transição do século XIX para o XX, esse sistema fora questionado, pois começava a dividir o espaço com novas perspectivas de pensamento que se instauravam na sociedade (2008, p. 10).

Buenos Aires em início do século XX

Os novos fenômenos sociais, no início do XX, abriam os caminhos para o surgimento das vanguardas onde as artes, não somente as ciências, poderiam captar e explicar as alterações do desenvolvimento da sociedade portenha. No mundo onde a vida mudava aceleradamente, os intelectuais e a sociedade portenha passaram a vivenciar novas experiências. Beatriz Sarlo, sobre aquele período, alegou que a “arte define um sistema de fundamentos: ‘o novo’ como valor hegemônico, ou ‘a revolução’ que se converte em garantia do futuro e reordenadora simbólica das relações presentes” (SARLO 2010, p. 56).

Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) na Europa, a ideia de que o *progresso* fosse infinito e servisse ao bem começou a ser questionada – os sistemas de pensamentos influentes no XIX (o positivismo e o cientificismo, por exemplo) sofreriam enorme abalo em suas matrizes filosóficas, pois a ideia de uma evolução linear (da humanidade) não mais servia numa sociedade que experimentara os percalços da guerra de trincheiras.

Patrícia Funes afirma que esse evento serviu, entre outras questões, para expor a debilidade de um sistema que em finais da década de 1910 dava seus primeiros sinais de fraqueza. Com isso, a *velha* Europa que servia de exemplo para o *jovem* continente americano passou a inspirar desconfiança. A partir do esgotamento imposto pela guerra, produzia-se relação tensionada entre os intelectuais latino-americanos e europeus, na medida em que o “velho mundo” passou a pensar e criticar as próprias imagens que criara e das quais queria se desvincular (FUNES 2006, p. 26).

Influenciados por novas correntes como o Decadentismo (inspirado pelas ideias de Oswald Spengler) ou o Relativismo (inspirado por Einstein), os latino-americanos repensaram com grande esforço a

conjuntura do continente no período, marcado por várias incertezas. “O que era ‘obscuridade’ e tédio para a Europa, se voltava como luz para os pensadores da região”, explicou a historiadora Patricia Funes (2006, p. 35).

Recebidas com grande entusiasmo na Europa, as obras de Spengler e Einstein produziram na América Latina uma reviravolta na maneira como os intelectuais pensavam o continente. Do plano da política ao da física, as ideias advindas do contexto imposto pelo pós-guerra realocaram os problemas sociais a partir de novas dimensões filosóficas, problematizando explicações deterministas ou eurocêntricas sobre o “novo continente”. Os novos movimentos políticos e culturais que surgiam na América Latina inspiravam-se nessas ideias, explicando os problemas e as sociedades a partir das perspectivas abertas, surgidas em consonância com as transformações em curso. A própria palavra *novo*, naquele momento, significava o aparecimento de outras possibilidades ainda não demarcadas.

Segundo Patricia Funes, nos anos de 1920 os intelectuais latino-americanos se autorreferenciavam como a “nova geração” que portava por diferentes meios (políticos, sociais, estéticos, culturais) “novas sensibilidades”. Tanto que, nesses anos:

Um território intelectual crítico se abria a partir do pós-guerra. Arena bastante movediça, agitada por fluídos heterodoxos sobre o território ermo do positivismo que já não dava conta destas sociedades. As referências eram ecléticas, e os ensaios de uma “rara musicalidade ideológica” (como dizia Alfonso Reyes) (FUNES 2006, p. 49).

É nesse entroncamento de novas pressões e imposições por parte da sociedade e da conjuntura histórica do entreguerras, e com a ampliação das correntes de pensamento, que os intelectuais de Buenos Aires repensaram o desenvolvimento de sua atividade profissional – escrever não significava, somente, a realização de um projeto racionalizador, era uma profissão ligada a um mercado, com regras e trâmites próprios, nos quais os intelectuais e escritores teriam, forçosamente, que se inserir. Como pontuou Beatriz Sarlo, ao se constituir em “cidade moderna”, Buenos Aires tinha as condições

necessárias para que sua população consumisse os produtos que o mercado editorial produzia (2010, p. 37).

Desde o final do século XIX, a relação literatura-política transformava-se pelo abalo nas formas de autorização dos discursos – agora não eram, somente, os Estados que poderiam institucionalizar (e amparar) os letrados (RAMA 1985).² Isso significou a inserção desses escritores no mercado, fazendo-os alterar a relação com público ao qual se dirigiam. Vai-se abrindo um campo *onde* o território dos *letrados* autonomiza-se em relação ao Estado. Esse já não mais homologa e define os termos da atividade intelectual. Sobre esse assunto, Julio Ramos faz o seguinte apontamento:

Por mais certo que seja afirmar que a incorporação de bens culturais se sistematiza no final do século, é importante saber que desde começos do século 19, com o desenvolvimento do jornalismo, já existiam regiões de trabalho intelectual atravessadas pelas leis do intercambio econômico. É bom lembrar que o capitalismo latino-americano não nasce no final do século, assim como o mundo das “letras” não pode ser representado mediante a metáfora do mecenato cortesão, ou mediante a analogia entre o nosso 19 e o feudalismo europeu (RAMOS 2008, p. 78).

Diferentemente dos escritores modernistas³ do século XIX, os

² Belíssimo estudo sobre as transformações ocorridas nas relações entre os letrados e o poder, na América Latina. Devido ao tipo de abordagem feita, Rama abriu um novo campo de estudos onde fosse possível estudar a maneira pela qual os intelectuais se relacionavam com a sociedade a partir das mediações culturais e, não somente, privilegiando as formas preexistentes, onde a figura do intelectual é vista apartada da sociedade.

³ É necessário aqui pontuar que o modernismo nos países hispano-americanos no século XIX não tem relação com o modernismo brasileiro, surgido no século XX. A figura com mais destaque do modernismo hispano-americano foi o poeta nicaraguense Rubén Darío. Com seus escritos, foi um dos poetas de maior influência na língua espanhola. É importante compreender a relação entre a poesia modernista e o surgimento dos movimentos de vanguarda, que ocorrerão no continente no início do século XX, pois os vanguardistas opõem-se ferozmente aos padrões artísticos dos modernistas. Bella Jozef, ao estudar o modernismo na América hispânica, assim o definiu: “É a forma literária de um mundo em transformação, síntese das inquietações e ideais de uma classe que atingiu seu apogeu no

escritores dos anos de 1920 buscavam respostas às transformações em sua sociedade não a partir de binarismos, mas com olhares complexos e capazes de consolidar essa “nova sensibilidade” – esse era um dos desejos da vanguarda argentina. Esse “novo profissional”, que começava a desenvolver a atividade das letras, relacionava-se com os jornais de grande circulação, buscando integrar-se com o público que os lia.

Em Buenos Aires, os escritores do início do século XX refletiram diretamente sobre a função de sua profissão, partindo do momento em que se situavam. Não somente como forma de sobrevivência (através da atividade jornalística), mas como uma atitude. As ideias dos escritores, naquele momento, buscavam vincular-se à sociedade por duas formas: 1) a inquietude na criação de uma tradição cultural, que se via ameaçada pela presença dos imigrantes; 2) pelo consumo de ideias, específicas do mercado que se formava.

O segundo ponto liga-se diretamente ao primeiro. Os escritores daquele período assumiram uma missão: tornar visível, para a sociedade, essa “nova sensibilidade” que estava se desenvolvendo. Isso implicava, também, a participação dos letrados em um mercado cada vez mais especializado requerendo, muitas vezes, a formação de profissionais capacitados para atender as demandas do público leitor.

Nesse aspecto, segundo Rama, os escritores assumiam o papel de conduzir a sociedade por meio de uma *função ideologizante*: “lhes cabia a condução espiritual da sociedade, mediante uma superpolítica educativa que se desenhou contra a política cotidiana, cujas ‘misérias’ se evitariam mediante vastos princípios normativos” (RAMA 1985, p. 106-107).

século XIX e começa a declinar no século XX. Segundo a tradição sincrética da literatura hispano-americana, combinou o mundo antigo ao moderno, constituindo, no domínio das artes, a repercussão de um estado de espírito peculiar a uma época, como tomada de consciência de seu tempo” (2005, p. 90). No cenário onde os países que iniciaram sua independência buscavam consolidar-se, o modernismo foi a resposta das artes a esse mundo novo, estilizando os acontecimentos sem renunciar a elementos que exaltassem o passado aristocrático.

Criollose imigrantes na formação do campo cultural portenho

Na Argentina, de acordo com Sarlo e Altamirano, através dos meios de comunicações⁴ e das instituições, os intelectuais pensaram a sociedade através da dicotomia entre o projeto *criollo* e a ameaça da imigração. Se no século XIX, a imagem do imigrante representava a concretização da ideia de progresso atrelada ao desenvolvimento que ela traria, as imagens dos *criollose gauchos* assumiam significados pejorativos como os de vícios na política, atraso e barbárie; no século XX, a lógica se inverte: o imigrante passou a ser visto, principalmente no período posterior ao Centenário, como aquele que colocaria em perigo o equilíbrio da sociedade argentina. Em outro aspecto, as imagens do *criollo* do *gaucho* que, no século XIX, tinham significado pejorativo, assumem contorno positivo no XX. Isso ocorre porque uma certa vertente da tradição nacional estava ameaçada pela ideia de progresso desenfreado (ALTAMIRANO e SARLO 1997, p. 184).

As Universidades, nesse período, assumiram importante papel na consolidação de um ambiente intelectual, por meio da formação de uma tradição literária (a criação da cátedra de literatura argentina na Universidade de Buenos Aires, por exemplo). Outro papel importante por elas desempenhado foi na formação dos escritores profissionais. No final do século XIX e início do XX, a Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires assumiu a função, contribuindo para o desenvolvimento das formas de sociabilidade intelectual. Nesse contexto, os antigos letrados (muitos deles formados em Direito e Medicina) passaram a dividir espaço com a “nova” geração (ROMERO 2009).

Destarte, nesse momento de formação de novos valores na sociedade argentina, principalmente em sua capital, Beatriz Sarlo afirmou que:

O que escandalizava ou apavorava muitos dos nacionalistas do Centenário influenciou a visão dos intelectuais nos anos 20 e 30. [...] A imagem de uma

⁴ Nos anos finais do século XIX, o jornal *La Nación* era um dos principais periódicos, com diversos intelectuais que trabalhavam na condição de jornalistas em sua redação.

cidade homogênea já se rompera em 1890, mas trinta anos é pouco para assimilar, na dimensão subjetiva, as diferenças radicais trazidas pelo crescimento urbano, pela imigração e pelos filhos da imigração. Uma cidade que duplica sua população em pouco menos de um quarto de século sofre mudanças que seus habitantes, velhos e novos, tiveram de processar (2010, p. 37-38).

Nesse ambiente, Buenos Aires constituiu-se em cidade cosmopolita e moderna, e nesse transcurso a sociedade portenha sofreu prodigiosas mudanças. O processamento desses eventos, como afirmou Luis Alberto Romero, ocorreu, muitas vezes, de maneira violenta (2006, p. 40).

O desenvolvimento da sociedade portenha significou o rompimento com o poder da velha ordem oligárquica, que passou, também, a disputá-lo com grupos que emergiam no ambiente portenho. É nesse período que a UCR (União Cívica Radical), partido político que ganhava expressão entre os portenhos, conseguiu eleger para a presidência Hipólito Yrigoyen.

A vitória de Yrigoyen significou, em certos aspectos, constrangimento para a velha elite. Como afirmou Carmen Bernand, no dia seguinte à posse presidencial, os *criollos* estranharam os sobrenomes dos ministros escolhidos por Yrigoyen, de maioria estrangeira (BERNAND 1999, p. 233). As antigas gerações, que lutaram para unificar o país e que participaram da conquista do deserto, conservavam, nesses eventos, a memória de um passado evanescente.

O desenvolvimento da sociedade argentina e o crescimento da área urbana portenha relacionam-se diretamente à consolidação da democracia. Entre 1912 (ano da reforma eleitoral que pretendia aumentar os direitos à cidadania) e 1930 (quando a breve experiência democrática argentina acabou interrompida) a representação da União Cívica Radical enquanto partido político foi singular: a UCR tornara-se o primeiro partido político a obter dimensão nacional. Porém, tal como a sociedade portenha, a UCR vivia – paradoxalmente – a mistura de modernização e tradição. Luis Alberto Romero supôs que a UCR fosse capaz de forjar elementos necessários para a formação de uma identidade na política nacional (ROMERO 2006, p. 54). Nesse aspecto,

A cidade, o centro das decisões anônimas, convertia-se em um monstro cada vez mais odiado e cada vez mais inacessível: quem se rebelava contra ela estava destinado a lutar com uma sombra. [...] *A política variou a partir de então*. Deixou de ser patrimônio de umas camarilhas que resolviam os seus problemas nos salões e nas ante-salas e transformou-se em algo tumultuado que tinha como cenários as ruas e as praças (ROMERO, 2009, p. 334-338 passim).

O trecho ilustra bem a situação na qual o desenvolvimento político acompanhou a ampliação da sociedade. Na medida em que a UCR era um partido que representava a “nova” sociedade argentina, tornava-se, ao mesmo tempo, o instrumento pelo qual esta disputaria espaços nos ambientes políticos com os “*viejos criollos*”.

Na Argentina, logo depois da recessão decorrente da Primeira Guerra (1914-1918), retomou-se o crescimento urbano e econômico com vigor (GUTMAN; ENRIQUE HARDOY 1992, p. 163).

Romero pontuou que não havia, naquele período, por parte da sociedade, compreensão das transformações em curso. Nas cidades, sobretudo, as mudanças foram observadas com precisão, porquanto ali ocorreram acentuadamente. Assim, “Tudo o que se opunha ao desenvolvimento linear e acelerado do mundo urbano e europeizado era condenável, constituía uma rêmora e merecia ser eliminado” (ROMERO 2009, p. 344).

Genealogia de uma cultura urbana portenha nos anos de 1920

O desejo de reconfigurar a cidade conjugava-se com o de remodelar o passado. No plano político esse ato referia-se aos longos debates sobre Buenos Aires tornar-se ou não a capital do Estado argentino; enquanto fenômeno urbano delimitou-se, pela necessidade de demarcar um território estritamente urbano, pautado pela necessidade de modernização do espaço.

Com esses atos, surgia a necessidade de consolidar um poder municipal que modernizasse o município, passando a imagem de cidade

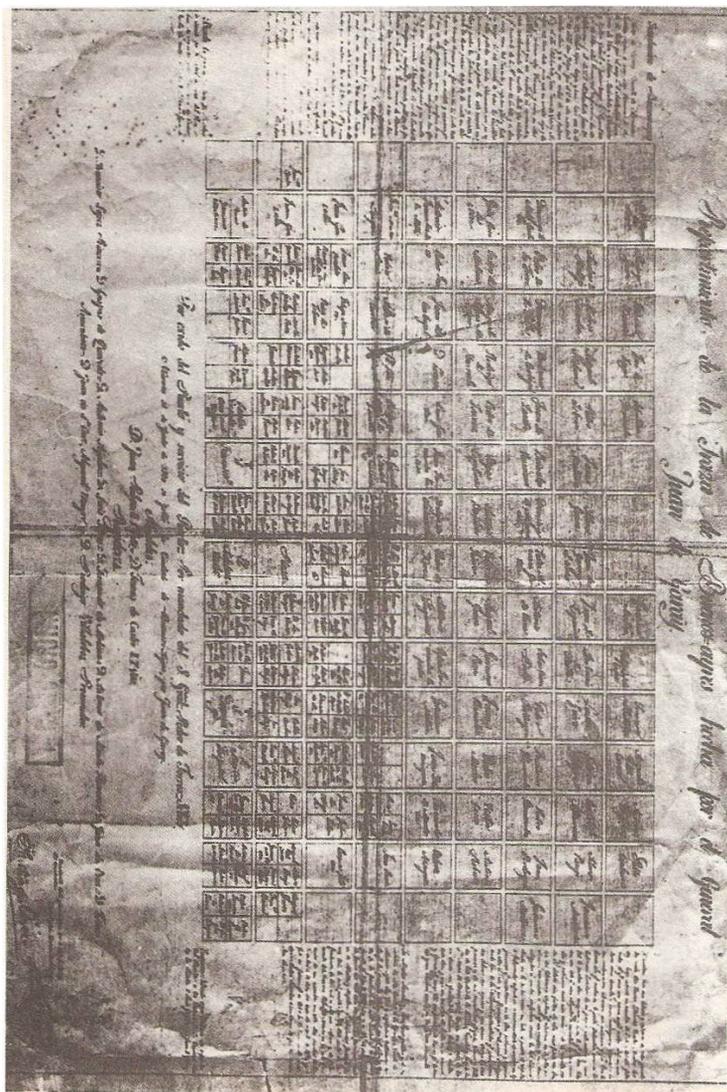
moderna como sinônimo de país moderno. Buenos Aires, ao tornar-se autônoma, consolidava o desejo de diversos grupos e adquiria a independência para realizar as transformações necessárias a essa empreitada. Ao adquirir autonomia política, Buenos Aires deu os primeiros passos para se consolidar como metrópole moderna.

Em 1880, Buenos Aires se tornou a capital federal da República Argentina, conservando, ainda, o desenho urbano do período colonial, onde os espaços eram divididos e traçados na forma de *damero*, como descreveram Margarita Gutman e Jorge Enrique Hardoy. Esse antigo traçado em forma de “tabuleiro de damas” fora adotado na maioria das cidades da América Hispânica, pois permitia maior controle sobre o território. Ocorreu que, junto à ampliação e ao desenvolvimento da cidade de Buenos Aires, tal divisão e tal planejamento deixaram de atender às demandas da administração municipal portenha; por isso, tiveram que ser repensados (GUTMAN; ENRIQUE HARDOY 1992, p. 90).

A Buenos Aires do meado do século XIX, em termos de desenho urbano, era pacata; o *damero* confundia-se com o pampa devido à retidão do terreno – o traçado urbano se adequava quase “naturalmente” à paisagem, pois se tinha a impressão de que a cidade fazia parte dela. A recém-criada cidade-capital enfrentaria grandes transformações, que se condensariam principalmente em seu centro. Era necessário dar ares de grandeza para a capital de um país que se desenvolvia. Construir uma cidade limpa e higiênica, pensada como “obra de arte”,⁵ exigia afastar do ambiente urbano os abatedouros, os indigentes e as insalubridades que poderiam atingir a qualidade de vida. Até então, não havia plano ou projeto regulando o desenvolvimento e o crescimento da cidade.

⁵ Tal concepção de “cidade como obra de arte” vigorou apenas no distrito central, enquanto nos bairros a ideia era de “cidade como negócio”. Isso se deveu, em grande parte, à especulação imobiliária acompanhando o desenvolvimento da cidade.

Figura 1 - Plano fundacional de Buenos Aires de Juan de Garay, de 1583⁶



⁶ Esse mapa é cópia de autor anônimo, retirado do livro *Buenos Aires: historia urbana del área metropolitana*, de Margarita Gudman e Jorge E. Hardoy. A fonte original, indicada pelos autores, é: DIFRIERI, Horacio (Dir.). *Atlas de Buenos Aires*. Buenos Aires: Municipalidad de Buenos Aires, 1981.

Foi durante a intendência de Torcuato de Alvear (1822-1890), de 1880 a 1887, que ocorreram as significantes transformações dos modelos e aparatos urbanos. A pacata “*Gran Aldea*” começaria a dar os primeiros passos em direção ao processo que desencadearia sua transformação na primeira metrópole da América Latina. Interessante, ainda, apontar nesse período a ação intensa para formar quadros de mão de obra especializada em Buenos Aires, capazes de lidar com as transformações e os novos projetos para a cidade. Margarita Gutman e Jorge Enrique Hardoy (1992, p. 102-103) colocam que:

a modernização encarada pela gestão Alvear não só transformou fisicamente a cidade, mas também melhorou, seguindo o modelo europeu, a administração municipal. Enquadrada nas funções que o pensamento liberal definia para os órgãos do governo e dentro da concepção higienista vigente, o município assumiu o poder de controle, regulamentação e vigilância da vida urbana, aumentando, complexando e fundamentalmente profissionalizando seu quadro de pessoal

A complexidade que a cidade adquire é marcada pela vontade de transformar Buenos Aires em local de referência para as funções que adquiriria, tanto como capital da Argentina, quanto como centro do poder econômico e político, que queria se firmar sobre as outras regiões. A necessidade de profissionalização dos quadros de administração municipal reflete o fenômeno urbano que se manifestava. Enquanto Buenos Aires mudava a partir das novas transformações, surgiu a necessidade de que as pessoas circulassem de modo mais rápido e eficiente pela cidade – as velhas formas de transporte (carroças, bonde puxados por cavalos) deveriam ser substituídas, da mesma forma que ruas estreitas ou com características coloniais dariam lugar às avenidas e bulevares abertos. Devido ao desenvolvimento e ampliação do espaço urbano era preciso criar possibilidades de acessibilidade, porque à medida que o centro da cidade se transformou, as áreas de subúrbio que começaram a se desenvolver ao

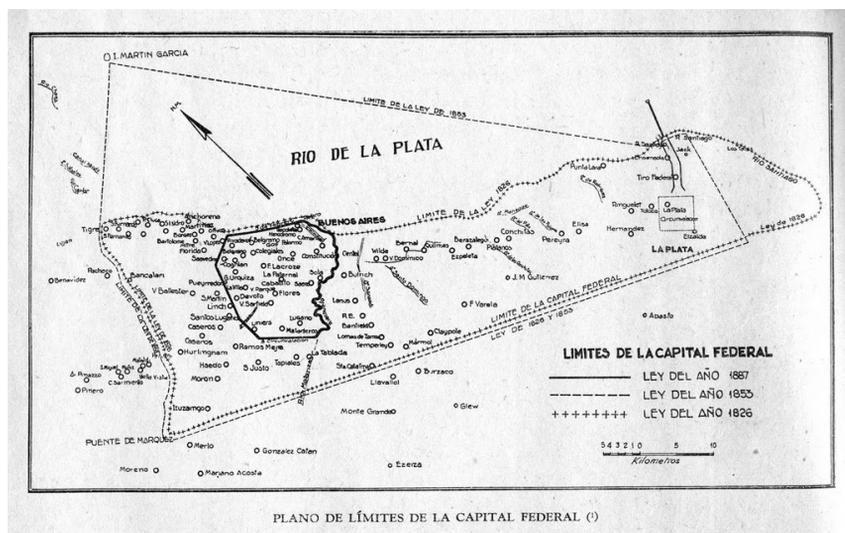
redor não poderiam ficar isoladas do ambiente urbano – era necessário conectá-las com a cidade (SENNETT 2008, p. 261).⁷

A Buenos Aires de 1580⁸ como se vê na planta de Juan de Garay, fora planejada a partir da concepção de que as pessoas pudessem circular sem perder de vista o controle do espaço – o objetivo era maximizar o controle sobre o território ocupado. A planta de Buenos Aires de 1583 mostra a concretização da vontade humana em criar o espaço perfeito, com proporções representando a harmonia espaço-homem, ou seja, o triunfo da vontade humana de controlar a natureza.

Da década de 1880 em diante, houve a preocupação do poder público – em Buenos Aires – de afastar os problemas urbanos do centro da cidade (GUTMAN; ENRIQUE HARDOY 1992, p. 97). Assim, a vontade era tornar a capital da Argentina lugar em que a pobreza e a miséria estivessem afastadas dos olhos do espectador que presenciava o “espetáculo urbano”. Nesse aspecto, o ano de 1887 foi decisivo, pois, a partir de então, seria delimitado o contorno atual da Capital Federal.

⁷ A cidade, desde o final do século XVII, com as descobertas sobre a função do sistema circulatório no corpo humano, passou a ser planejada em consonância com as transformações das ciências do corpo. Essas mudanças foram relevantes no modo de planejar as cidades, tornando a circulação efetiva, pois ao período correspondia a necessidade de limpas, livres de mazelas ou obstáculos (físicos ou sociais) que impedissem o desenvolvimento urbano. A partir dessas modificações, o importante foi planejar as cidades mantendo o controle da circulação sem perder o controle sobre o movimento dos indivíduos e habitantes da cidade.

⁸ É interessante ressaltar o fato de que a cidade de Buenos Aires foi fundada duas vezes. No primeiro momento, em 1536, havia sido fundada como povoado, porém devido às dificuldades encontradas no território e a falta de estrutura, no ano de 1541 foi ordenado o despoamento da pequena vila. A empreitada realizada por Juan de Garay, em 1580, foi diferente. Havia mais recursos e a cidade foi planejada como um *damero*, usando a *plaza Mayor* como referência para a expansão do espaço. Entre a primeira e a segunda fundação, reside a diferença na ocupação e a transformação do espaço. O primeiro momento representava a necessidade de fazer presente nos territórios desocupados e sem a presença do colonizador, enquanto que a segunda data significou a necessidade de se fixar no espaço e habitá-lo. Isso se evidencia, mais ainda, pelo projeto urbanístico utilizado na construção da cidade (GUTMAN e ENRIQUE HARDOY 1992, p. 60).

Figura 2 - Plano de limites da Capital Federal⁹

Como podemos ver, o traçado da lei de 1887 (acima) que delimitou a forma da atual Capital Federal, foi cedido pelo governo provincial ao federal. Esse ato constituiu na modelação da cidade moderna e coincide, justamente, com a concretização de importantes obras, que integrariam o espaço visual da cidade.

Nesse ano, também, a prefeitura começou a implementar – de modo mais efetivo – os serviços de controle e regulação da população e do espaço urbano. Com os censos de registro populacional, regulamentação do tamanho dos edifícios e burocratização do serviço público, a cidade entrou no ritmo para acompanhar o desenvolvimento e a inserção do país no mercado mundial. Além disso, a própria sociedade se transformava à medida que o poder tentava controlar e regulamentar todas as instâncias da vida cotidiana. Essa relação entre transformação do ambiente urbano, aumento da burocracia municipal (através dos serviços e planos que visavam regular o crescimento da cidade) e a modificação das relações sociais aconteciam em concomitância e consonância com o aumento da individualidade na

⁹ CÁTEDRA Lombardi. *Plano de límites de la Capital Federal*.

sociedade portenha. Eis por que, além de significarem transformações do espaço físico, essas mudanças influenciaram também os aspectos culturais e sociais da cidade.

Ao ter trabalhado com as histórias das cidades, no mundo ocidental, Richard Sennett (2008, p. 25) afirmou:

A cidade tem sido um *locus* de poder, cujos espaços tornaram-se coerentes e completos à imagem do próprio homem. Mas também foi nelas que essas imagens se estilhaçaram, no contexto de agrupamentos de pessoas diferentes – fator de intensificação da complexidade social – e que se apresentam umas às outras como estranhas. Todos esses aspectos da experiência urbana – diferença, complexidade, estranheza – sustentam a resistência à dominação.

Ao se comparar a história de Buenos Aires com as de outras cidades que se urbanizaram rapidamente, percebe-se que o planejamento urbano desejado para a cidade começou a contrastar com hábitos e modos de vida – todos os grupos que iam se instalando em Buenos Aires naqueles anos traziam formação cultural e social que contrastava, muitas vezes, com o desejo da prefeitura de racionalizar o espaço. Seguindo a proposição de Sennett, percebe-se que cada grupo social enfrenta as dificuldades em lidar com as experiências advindas do espaço urbano – a cidade racionalizada como *locus* do poder e, ao mesmo tempo, objeto de crítica sobre ela mesma.

É o caso, discutido por Gorelik, das críticas aos traçados urbanos estabelecidos para Buenos Aires, nos anos iniciais do século XX, pois seguiam as mesmas diretrizes do traçado de 1583 – quando a cidade havia sido fundada. Ao estudar os traçados de Buenos Aires, Gorelik afirmou que:

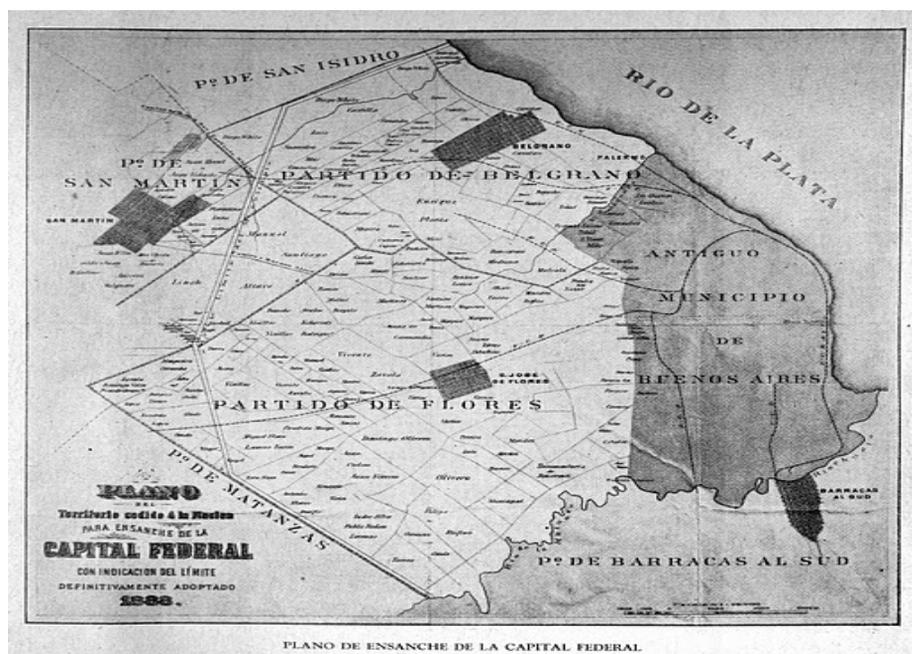
Um dos efeitos paradoxais de repúdio à quadrícula e a expansão suburbana foi sua completa naturalização: como se o tabuleiro fundacional das Leis das Índias houvesse trazido ordens genéticas para seu desenvolvimento vindouro. Esta é uma das razões

pelas quais não tenham tido visibilidade nem o traçado do limite da nova cidade federalizada, nem o da quadrícula do plano de 1898-1904: acaso não estavam inscritos em um destino tão natural quanto iniludível? Na linha de interpretação cultural da cidade (quer dizer, a linha de interpretação que vincula deterministicamente forma urbana e cultura, a de mais longa duração em nosso país), se trata de um destino oprobrioso imposto pela dupla barbárie da tradição espanhola e da natureza pampiana. O curioso é que esse repúdio cultural, de enorme produtividade inicial, reuniu, uma série de diagnósticos e os cristalizou, como sentido comum que subsistiu muito depois de que mudaram as condições e os paradigmas dos quais se formularam (2010, p. 29).

Essa naturalização do espaço confundia-se com a paisagem natural, acreditando-se que a regulação do espaço urbano fluía de acordo com as características do terreno. A partir disso, o pampa tornou-se elemento-chave para a cidade: ao se inspirarem nesse terreno, diversos autores vislumbraram as visões sobre Buenos Aires. O espaço urbano, mesclado ao terreno original, servia como forma de pensar a urbe, fosse para criticar ou exaltar o desenvolvimento em curso. Nesse cenário, é interessante notar que o traçado colonial persistiu, pois à medida que intentavam dar novas formas para a cidade não era vantajoso perder o controle sobre a formulação do espaço.

Por exemplo, em 1888, um ano após a limitação do traçado de 1887, foi construído um bulevar que serviu para regularizar o limite do distrito federal e para conter o avanço da expansão urbana. De tal situação decorreu que a imagem planejada pela prefeitura, em Buenos Aires, deixou de coincidir com a realidade. Pois, na medida em que os esforços em organizar a cidade miravam o centro, outros espaços da cidade começaram a se organizar política e espacialmente sem controle da Intendência Municipal.

Figura 3 - Plano de ampliação da Capital Federal¹⁰



Quando, em 1888, os limites da cidade foram efetivamente delimitados e o poder público decidiu continuar traçando o espaço urbano na forma de “tabuleiro de damas”, duras críticas foram realizadas, pois isso implicava a manutenção da imagem monótona da cidade. O *damero*, que dava a forma de grade à cidade, regia-se pelo princípio de homogeneidade – essa vontade de homogeneizar o espaço se relacionava com o desejo de identificar o que era e o que não era cidade.

Adrián Gorelik, ao ressaltar esse acontecimento, apontou que a “vontade pública” de pôr ordem no espaço ocorreu de maneira lenta e truncada, e não ocorreu de maneira “vazia” (sem projeto ou planejamento), daí as tentativas do poder público de criar administração municipal eficiente e o calor dos debates políticos e intelectuais (2010, p. 28).

¹⁰ CÁTEDRA Lombardi. *Plano de ensanche de la Capital Federal* (1888).

Com a criação do limite definitivo da cidade em 1887, a linha traçada não respeitou a fronteira geográfica. Ela impunha uma forma regular e artificial, criando uma cidade que deveria ficar contida nela mesma – a expansão urbana era vista com maus olhos, pois o crescimento massificado e sem controle poderia destruir os valores instituídos a partir do espaço urbano. A criação de limites para a cidade de Buenos Aires significou que a formulação de projetos deveria ser restringida àquele espaço, a cidade, nesse caso aparece como *espaço público*¹¹ onde as ideias são discutidas e passam a formar a imagem de uma sociedade.

O Proyecto orgánico de 1925 e a organização do espaço urbano

Vários foram os planos e modelos que se seguiram à demarcação dos limites.¹² Porém, foi o *Proyecto orgánico para urbanización del municipio* (1925) que exerceu grande influência nos debates sobre as ideias e o modo de projetar a cidade. Na sua apresentação, o documento declara a importância de se formular o projeto para a cidade de Buenos Aires, que se desenvolvia a passos largos. Nele, podemos ler:

Buenos Aires, apesar de ser a Capital de um país eminentemente rural, constitui seu atrativo mais importante, absorvendo o maior interesse de sua população, chegando a produzir idêntico fenômeno a que se registra na Europa, a partir do século XIX, para

¹¹ Neste artigo, o “*espaço público* será compreendido como um *horizonte*, em duplo sentido. Um horizonte conceitual, que permita enfocar os contatos entre as dimensões tão diferentes que supõe, a política e a urbana; que permite introduzir uma cunha na interseção da política e da forma, para tratar de entender como se produz uma e outra, para ver o que há de uma em outra. É um horizonte político, da política democrática e do *direito à cidade*, que implica a tensão permanente para a construção de uma arena pública inclusiva tanto de grupos sociais e culturais como temas que ampliem o espectro do que é estabelecido como ‘bem comum’” (GORELIK2010, p. 22-23, grifo do autor).

¹² Entre 1898 e 1909, foram criados dois planos para a cidade, porém o *Proyecto Orgánico* (1925) foi o primeiro que tomou a cidade como totalidade, abarcando todos os aspectos de espaços que a cidade possuía.

não citar os mais semelhantes e conclusivos exemplos dos Estados Unidos. A emigração que se detém nela, suas condições de “confort” determinaram um desenvolvimento precipitado e imprevisto.

A influência de grande desenvolvimento que se apontava, o aumento constante de sua população, a extensão imensa de seu perímetro, a atividade de tráfico e rapidez das comunicações, e acima de tudo isso, os progressos profiláticos da higiene moderna, anunciam a complexidade do problema, pois exigiria importantes melhoras ainda dentro do mais restringido critério dos critérios. E este problema positivista, se se queira, e que parece caracterizar o nosso século eminentemente industrial, é que em um momento de otimismo há contribuído para DESFIGURAR as cidades modernas, fazendo esquecer o conceito de beleza tão respeitado nos séculos passados, como fonte indispensável do ideal de ação humana. Parece existir, por outra parte, em nosso país, a ideia de que toda coisa de valor prático e positivo, tem de estar desprovida de todo o sentido de beleza; seria, pois, mister destruir tão pernicioso erro para divulgar o conceito contrário [...]. Tal sentimento nos ajudara, pois, a aperfeiçoar nossa cidade fazendo dela a verdadeira imagem do ideal nacional dentro um justo e nobre desejo de engrandecimento e prosperidade social (INTENDENCIA MUNICIPAL 1925, p. 7-8).¹³

¹³ Tradução minha, no original lê-se: “[...] Buenos Aires, a pesar de ser la Capital de un país eminentemente rural, constituye su atractivo más importante, absorbiendo el mayor interés de su población, llegando a producir idéntico fenómeno a que se registra en Europa, a partir del siglo XIX, por no citar los más semejantes y concluyentes ejemplos de Estados Unidos. La emigración que se detiene en ella, sus condiciones de “confort” han determinado un desarrollo precipitado e imprevisto. La influencia de gran desenvolvimiento industrial que se apuntaba, el aumento constante de su población, la extensión inmensa de su perímetro, la actividad de tráfico y rapidez de las comunicaciones, y por encima de todo ello, los progresos profiláticos de la higiene moderna, anuncian la complejidad del problema, pues exigiría importantes mejoras aún dentro del más restringido criterio de los criterios. Y este problema positivista, si se quiere, y que parece caracterizar a nuestro siglo eminentemente industrial, es el que en un momento de optimismo ha contribuído a AFEAR a las ciudades modernas, haciendo olvidar el concepto de belleza tan respetado en los pasados siglos, como fuente indispensable de ideal en la acción humana. Parece existir, por otra parte, en nuestro país, la idea de que toda cosa de valor practico o positivo, ha de estar desprovista de

Longe de estar afastada (ou isolada) do restante do mundo, Buenos Aires conectava-se com as ideias sobre o urbanismo daquele período.¹⁴ Os autores do documento reconhecem que o desenvolvimento portenho não deixava de se assemelhar aos fenômenos ocorridos fora do continente latino-americano. O trecho “Buenos Aires, apesar de ser a Capital de um país eminentemente rural, constitui seu atrativo mais importante” nos mostra a importância da capital no cenário nacional argentino. Adiante, quando comparam o surgimento dos fenômenos e reconhecem que os problemas advindos da ampliação e do crescimento urbano portenho eram idênticos ao dos países europeus e dos Estados Unidos, pode-se alegar que tinham uma grande percepção sobre a conjuntura dos acontecimentos relacionados ao fenômeno urbano.

Mesmo sendo país com economia agrícola, a Argentina já tinha a maior parte da população urbana desde o início do século XX. Isso, naquele período, significou importante mudança nos planos políticos para o país. A ideia de usar a imigração como alavanca para povoar o país estilhaçou-se no final do século XIX. Entre 1900 e 1920, sujeita a reformulações conjunturais, a capital portenha foi adquirindo outras funções afora a de ser centro político do país que se desenvolvia.

O desenvolvimento portenho tomou rumos imprevistos, como se pode ler na primeira parte do documento citado. Ao reconhecerem que a soma de fatores como o desenvolvimento industrial, o aumento da população, a imensa extensão territorial (advinda do traçado de 1888) e a circulação de pessoas e veículos influenciavam na complexidade dos problemas da cidade, os relatores do *Proyecto Orgánico* buscaram alternativas e novas formas de resolver as questões que se apresentavam.

todo sentido de belleza; sería, pues, menester destruir tan pernicioso error para divulgar el concepto contrario [...]. Tal sentimiento nos ayudaría, pues, a perfeccionar nuestra ciudad haciendo de ella la verdadera imagen del ideal nacional dentro de un justo y noble anhelo de engrandecimiento y prosperidad social”.

¹⁴ Pode-se perceber isso quando comparamos a bibliografia utilizada no *Proyecto orgánico para la urbanización del municipio* (1925), pois demonstra que os autores do estudo sobre a situação urbana de Buenos Aires, nos anos de 1920, conheciam as diversas teorias sobre o planejamento urbano do período. Vejamos a quantidade de livros e revistas sobre urbanismo: 9 livro alemães; 1 revista alemã; 18 livros franceses e belgas; 6 revistas francesas e belgas; 11 livros ingleses e norte-americanos; 2 livros italianos; 1 livro espanhol.

Uma das questões levantadas pelo *Proyecto Orgánico* era a de lidar com o crescimento urbano – reconhecendo as cidades modernas como fruto do desenvolvimento industrial – sem perder de vista o desenvolvimento da beleza urbana. Nesse aspecto, o desenvolvimento associado com a questão do embelezamento reflete diretamente a vontade do poder municipal de tornar Buenos Aires atrativo monumental. No *Proyecto Orgánico*, essa noção assim se exemplifica:

Insistimos que: “O plano de uma cidade é a expressão de uma vida coletiva” e a cidade, pois, não só deve preencher uma finalidade material de bem-estar comum, como convidar seus habitantes a realizar um alto propósito [...]. O ideal de um programa superior é o que devolverá às cidades modernas a beleza perdida. “Somente certos estados sociais provocaram a criação dos belos exemplos do passado” (INTENDENCIA MUNICIPAL, 1925, p. 362).¹⁵

Isso reflete, em linhas gerais, a vontade de transformar a capital num ambiente inspirador, onde o progresso alcançado servisse de exemplo para os habitantes. A cidade deveria restaurar a beleza perdida, não somente por uma questão visual, mas pela necessidade de fazer seus habitantes aprenderem com o exemplo que ela ofereceria ao ser projetada. Logo que se intensificou o ritmo de construções no centro da cidade, as classes portenhas mais abastadas optaram por eleger, em consonância com o poder municipal, o centro como lugar privilegiado da cidade.

A ideia de inspirar-se em exemplos de organização social ensinados pelo passado justificaria embelezar a capital para que a população aprendesse sentimentos como civilidade e pertencimento. Porém, ao projetar as formas de uma cidade que servisse de modelo para a expressão

¹⁵ Tradução minha, no original lê-se: “Insistimos en que: ‘El plano de una ciudad es la expresión de una vida colectiva’ y la ciudad, pues, no sólo debe llenar una finalidad material de bienestar común, sino invitar sus habitantes a realizar un alto propósito. [...] El ideal de un programa superior es el que devolverá a las ciudades modernas la belleza perdida. ‘Sólo ciertos estados sociales provocaron la creación de los hermosos ejemplos del pasado’”.

de uma vida coletiva, o *Proyecto Orgánico* acabou por não privilegiar os problemas sociais da forma devida, pois acabou concentrando-se mais nas questões de ordem física da cidade.

Para restaurar a beleza da cidade, o *Proyecto Orgánico* não privilegiou os grupos que surgiam em meio às formulações sociais novas. Logo, eles encontraram diversos obstáculos restringindo o acesso à cidadania, ao suposto bem-estar comum identificado no trecho citado. Assim, visando produzir um programa superior, ensinando cidadania à população, o projeto acabou criando mais entraves do que soluções aos problemas sociais. Nos diversos casos do período, a ampliação do espaço urbano mais serviu para demonstrar as precariedades e problemas desse desenvolvimento do que para exaltar a força da modernização portenha.

Assim, grande parte da população ficava à mercê dos projetos do poder municipal. A política municipal, então, colocava uma série de empecilhos para a população que buscava o acesso à cidadania. As multidões urbanas geraram lacuna no espaço de poder no decorrer do século XX. Porém, o que não se esperava era que os grupos (TERÁN 2000, p. 332-333) marginalizados, ou, excluídos da sociedade (por não serem reconhecidos no discurso político oficial) se tornassem vozes ativas na urbanização.

Nesse cenário, o bairro surge como elemento importantíssimo na reivindicação dos grupos, pois se apresenta como lugar fundamental para as organizações sociais que começaram a se constituir. Ocorre que o poder municipal optou, a princípio, por não reconhecer esses espaços, que cresciam acompanhando o desenvolvimento da cidade. Adrián Gorelik alegou que o bairro portenho dos anos de 1920 foi produto da modernização urbana. Logo, esse espaço acabou utilizado, também, para chamar a atenção dos que governavam a cidade – fosse por meio das associações, fosse por meio da literatura e imagens que produziam sobre ele (2005, p. 67).

Na “*Breve síntesis histórica*” do *Proyecto Orgánico*, que discute a origem da cidade, os planos urbanos anteriores e as novas propostas de desenvolvimento urbano, há o reconhecimento da existência desses bairros. Porém, eles aparecem não como lugares políticos, mas como regiões habitadas que merecem ser anexadas à cidade devido a sua importância econômica e habitacional. Outro aspecto é a geografia da cidade, rodeada

pelo pampa, ressaltando a característica plana do terreno (INTENDENCIA MUNICIPAL 1925, p. 21-52).

Organizando-se a partir do traçado de 1887 a divisão da cidade em *manzanas*,¹⁶ como se apresenta no *Projecto Orgánico* não entrou em conflito com o *damero* já existente. Daquele traçado que objetivou normatizar o espaço subjugando os bairros ao centro da cidade, surgiram formas de resistência que não se identificariam com o modelo adotado pelo poder público municipal para a organização da cidade. Adrián Gorelik viu no bairro um lugar de formação e diferenciação política (2005, p. 68). Se o *Projecto Orgánico* tratava o bairro como local puramente funcional não contemplando seus aspectos culturais e políticos, causou o problema de perceber superficialmente as dimensões sociais de uma cidade que virara metrópole.

Considerações finais

A divisão da cidade em pequenas quadrículas visou apagar as diferenças no espaço público portenho. Longe de se afastar das tendências urbanísticas da época, o *Projecto Orgánico* foi formulado sobre a concepção de uma racionalidade que queria dominar o espaço. Ou seja, a cidade era o lugar onde o homem moderno poderia se diferenciar da natureza, como afirmou Renato Cordeiro Gomes (2008, p. 23-24). Esse desejo que se materializava na concretude caótica da urbe não apagou as diferenças, nem mesmo as diminuiu.

Os bairros, com seus habitantes, eram fundamentais para novas formas de sociabilidade, além de terem sido, também, o lugar das primeiras imagens de uma Buenos Aires pitoresca (GORELIK 2010, p. 345) em relação às imagens otimizadas sobre a metrópole. Portanto, eles seriam importantes, pois num

¹⁶ *Manzana*, quarteirão em português, é o espaço cercado por ruas e com construções edilícias. O *damero* foi um tipo de divisão utilizada, pela Espanha, para construir as cidades. Ocorre que pela facilidade de controle do espaço, proporcionada por essa divisão, muitas cidades independentes optaram por manter tal forma. Buenos Aires não foi exceção. É a junção de *manzanas* que da forma ao *damero*.

ambiente permeado de rupturas (como é a cidade moderna), mesclaram-se aos outros elementos do espaço urbano, dando novas perspectivas ao ritmo frenético da cidade moderna que Buenos Aires se tornava.

Nesse cenário, onde a modernidade despontava como um dos elementos suscitados pela nova cultura, a busca por identidades se tornou crucial para a diferenciação da homogeneidade imposta às pessoas pelo monótono traçado urbano. Diversos grupos buscaram compor suas características se diferenciando dos projetos que a prefeitura desejou impor para Buenos Aires.

Para entender a cidade daquele período, deve-se considerar a ideia de quem pertence a cidade, ou seja, os grupos que definiam ou determinavam as decisões políticas. Com isso, pode-se inferir a percepção dos habitantes. Renato Cordeiro Gomes nos dá a seguinte indicação, para as questões postas:

A metrópole capitalista com a vida angustiante, os intermináveis atentados aos seus habitantes, converte-se em constantes estímulos para a modernidade e as vanguardas que encontram aí o lugar ideal para produzir e confrontar suas propostas. A grande cidade se converte em depositária de todas as paixões. As diversas linguagens e aspirações artísticas e ideológicas medem-se por sua relação com o metropolitano. A cidade aparece como o lugar por excelência onde se sentem, de forma mais agudizada, as consequências do desenvolvimento do sistema capitalista e da Revolução Industrial (2008, p. 37).

A cidade se apresenta como lugar de paixões e produtora de significados. Daí Buenos Aires ter sido, na Argentina, o centro de captação das forças, sociais e econômicas, que inspiraram o(s) movimento(s) vanguardista(s) nos anos de 1920. Utilizando a cidade como elemento fundamental de toda sua luta, estética e política, a(s) vanguarda(s) portenhas vislumbraram o mundo diante de si como novo – ora experimentando deslumbre, ora queixume.

Ao interpretar a cidade, muitos vanguardistas tentaram captar ou reinterpretar as mudanças radicais no cenário da urbe. Ler a cidade, nesses

instantes de câmbios radicais, era transformar cada nova forma, cada esquina, cada prédio, em matéria poética, jornalística ou até em acirrados debates sobre o significado da cidade como centro definidor e irradiador de uma cultura cosmopolita.¹⁷ Ao lidar com a cidade, eles entram num jogo de mão dupla onde a regra consiste em decifrar os elementos que surgiam no lugar daqueles que desapareciam.¹⁸

Referências

- ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. *Ensayos argentinos: de Sarmiento a lavanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997.
- BERNAND, Carmen. *Historia de Buenos Aires*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometo Libros, 2006.
- GIL, Antonio Carlos Amador. *Tecendo os fios da nação: soberania e identidade nacional no processo de construção do Estado*. Vitória: IHGES, 2001.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- GORELIK, Adrián. *Das Vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Trad. de Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- _____. *La grilla y el parque: espacio público y cultura urbana en Buenos Aires (1887-1936)*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2010.

¹⁷ Na Argentina dos anos de 1920, muitos dos escritores que participavam dos movimentos de renovação estética também trabalhavam para os jornais. É o caso do escritor portenho Roberto Arlt (SARLO, 2007).

¹⁸ Renato Cordeiro Gomes afirmou que “Ler a escrita da cidade e a cidade como escrita é buscar o legível num jogo aberto e sem solução” (2008, p. 18). Com isso, pode-se dizer que a cidade inspira significados, elementos reordenadores do caos que a grande cidade carrega. Igualmente, os textos sobre a cidade acabam influenciando as diversas perspectivas que trabalham a cidade – basta olhar para as imagens sobre as cidades em intensa modernização, nos anos de 1920.

- GUTMAN, Margarita; ENRIQUE HARDOY, Jorge. *Buenos Aires: historia urbana del area metropolitana*. Madrid: Ed. MAPFRE, 1992
- INTENDENCIA MUNICIPAL. Comisión de Estética Edilicia. *Proyecto orgánico para la urbanización del municipio: el plan regulador y de reforma de la Capital Federal*. Buenos Aires: TalleresPeuser, 1925.
- JOZEF, Bella. *História da Literatura hispano-americana*. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século XIX*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as ideias*. Trad. BellaJozef. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.
- ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Trad. de Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- SARLO, Beatriz. *Borges, un escritor en las orillas*. 2. ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2007.
- _____. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Trad. Júlio Pinto Pimentel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- TERÁN, Oscar. El pensamiento finisecular (1880-1916). In: ZAIDA LOBATO, Mitra (Dir.). *Nueva historia argentina: el progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.
- _____. *Vida intelectual en Buenos Aires fin-de-siglo (1880-1910): derivas de la cultura científica*. 2. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- ZAIDA LOBATO, Mitra (Dir.). *Nueva historia argentina: el progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.